



**“EU ACHEI A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA MAIS PROVEITOSA,
PORQUE DA OUTRA VEZ EU NÃO PARTICIPEI”: RELAÇÕES DE
GÊNERO NO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO EM DUAS ESCOLAS
PÚBLICAS NO CEARÁ**

**“I THINK THE PHYSICAL EDUCATION IS MORE USEFUL, BECAUSE I
PARTICIPATE”: GENDER RELATIONS IN PLANNING IN TWO
SCHOOLS IN THE STATE SCHOOL AT CEARÁ**

**“CREO QUE LA CLASE DE EDUCACIÓN FÍSICA ES MÁS ÚTIL, PORQUE
OTRA VEZ NO PARTICIPÉ”: RELACIONES DE GÉNERO EN LA
PLANIFICACIÓN EN DOS ESCUELAS DE LA RED ESTATAL DE CEARÁ**

Luis Fernando Muniz Gomes


<https://orcid.org/0009-0007-1785-2743> 


<http://lattes.cnpq.br/2905409407641289> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

luis_lf@yahoo.com.br

Emanuel Wescley dos Santos


<https://orcid.org/0009-0001-5153-0904> 


<http://lattes.cnpq.br/2599592904207089> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

wescleysete@gmail.com

Andréa Lima Girão


<https://orcid.org/0009-0004-6037-7886> 


<http://lattes.cnpq.br/9428552274438157> 

Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE – Brasil)

andrealimagirao@gmail.com

Tina Daniela Kayser


<https://orcid.org/0009-0003-9345-4158> 


<http://lattes.cnpq.br/4394010854295921> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

tiff_kayser@hotmail.com

Luciano Nascimento Corsino

<https://orcid.org/0000-0002-2591-5472> 

<http://lattes.cnpq.br/6302527743928486> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Rolante, RS – Brasil)

lucianocorsino@gmail.com

Resumo

Dentre as problemáticas que emergem no cotidiano da educação física escolar, as hierarquizações de gênero são cada vez mais citadas. Ao considerar os estudos de gênero de orientação pós-estruturalista e o campo da educação física escolar, o objetivo desta pesquisa é compreender o Planejamento Participativo (PP) como possibilidade de problematização das questões de gênero na educação física à luz de duas pesquisas realizadas no âmbito do



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Por meio dos registros realizados pelos pesquisadores durante duas pesquisas, investigamos a forma como as relações de gênero emergem durante o planejamento participativo desenvolvido em duas escolas públicas no estado do Ceará. Os dados indicam que o PP pode ser um instrumento potente para dar voz aos(as) estudantes devido ao diálogo constante durante as atividades desenvolvidas, proporciona maior participação das meninas e reflexão crítica sobre gênero nas manifestações da cultura corporal de movimento.

Palavras-chave: Planejamento Participativo; Justiça Social; Democracia; Relações de Gênero; Educação Física Escolar.

Abstract

Among the problems that emerge in daily school physical education, gender hierarchies are increasingly cited. When considering gender studies with a post-structuralist orientation and the field of school physical education, the objective of this research is to discuss Participatory Planning (PP) as a possibility of problematizing gender issues in physical education in the light of two studies carried out within the scope of the Professional Master's Degree in Physical Education on a National Network (ProEF). Through records made by researchers during two surveys, we investigated how gender relations emerge during participatory planning developed in two public schools in the state of Ceará. The data indicate that the PP can be a powerful instrument to give students a voice due to the constant dialogue during the activities carried out, providing greater participation of girls and critical reflection on gender relations in manifestations of body movement culture.

Keywords: Participative Planning; Social Justice; Democracy; Gender Relations; Physical Education.

Resumen

Entre los problemas que surgen en el día a día de la educación física escolar, se citan cada vez más las jerarquías de género. Al considerar los estudios de género con orientación postestructuralista y el campo de la educación física escolar, el objetivo de esta investigación es discutir la Planificación Participativa (PP) como una posibilidad de problematizar las cuestiones de género en la educación física a la luz de dos estudios realizados dentro el alcance de la Maestría Profesional en Educación Física en Red Nacional (ProEF). A través de registros realizados por investigadores durante dos encuestas, investigamos cómo emergen las relaciones de género durante la planificación participativa desarrollada en dos escuelas públicas del estado de Ceará. Los datos indican que el PP puede ser un potente instrumento para dar voz a los estudiantes debido al diálogo constante durante las actividades realizadas, proporcionando una mayor participación de las niñas y una reflexión crítica sobre el relaciones de género en las manifestaciones de la cultura del movimiento corporal.

Palabras clave: Planificación Participativa; Justicia Social; Democracia; Relaciones de Género; Educación Física.

INTRODUÇÃO

Gênero é um dispositivo criado pelo patriarcado que classifica e hierarquiza o mundo dentro do que entendemos enquanto masculino e feminino. Nesse sentido, as relações de gênero podem ser percebidas como "elementos constitutivos das relações sociais, baseadas em diferenças entre os sexos" e "como uma forma primária de significar as relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 16).

Por sua vez, o feminismo se coloca como um importante movimento que busca lutar contra esse sistema, a fim de desconstruí-lo e lutar pelos direitos de quem sofre as consequências das opressões causadas por ele. A luta contra a invisibilidade feminina, pela igualdade política, social e de gênero vem sendo protagonizada pelo movimento feminista ao longo das últimas décadas e se apresenta como base para os estudos de gênero na educação física escolar em conexão com os diversos marcadores sociais (CORSINO; AUAD, 2014; AUAD E CORSINO, 2018; CORSINO, 2020).





Segundo Altmann (2015), os estudos de gênero desafiam a noção de que a biologia é a única determinante na construção do que entendemos como “masculino” e “feminino”. De acordo com a autora, as normas estabelecidas pelo gênero acabam por construir e reforçar situações de desigualdade, naturalizando comportamentos socialmente construídos como se fossem “parte da natureza” do homem e da mulher.

A escola, enquanto instituição de uma sociedade patriarcal, acaba manifestando essas desigualdades de gênero de diversas maneiras. Portanto, é dever de todos e todas as pessoas comprometidas com uma educação transformadora, enfrentar esses problemas. Caso contrário, ao não combater preconceitos que geram discriminação e violência, a escola funciona como um lugar que reproduz e reforça essas desigualdades (CORSINO; AUAD, 2012).

No cotidiano escolar (Auad, 2004), essas desigualdades também se manifestam em muitos momentos. Auad (2004) descreveu, em sua tese de doutorado, algumas situações que exemplificam como a divisão dos espaços acontece entre meninos e meninas. Os meninos usualmente dominam os grandes espaços, como quadra e pátio, com suas brincadeiras e jogos. Enquanto as meninas ocupam as margens dessas áreas. A autora denomina esse tipo de prática como “aprendizado da separação”.

Segundo diversos trabalhos que discutiram a educação física escolar na perspectiva de gênero (ALTMANN, 1998; THORNE, 1993; GRUGEON, 1995; CORSINO; AUAD, 2012), o fato de meninos ocuparem uma quantidade maior de espaços físicos na escola e essa ocupação, muitas vezes se dá por meio da prática de esportes coletivos, em especial, o futebol.

Por sua vez, Corsino e Auad (2012), observou que em todas as turmas acompanhadas por ele, a maior parte dos participantes efetivos das aulas era do sexo masculino. Já as meninas, não participavam e ficavam nas laterais da quadra fazendo outras atividades como ouvir música, conversar e até mesmo torcer para quem estava jogando futebol. Tais práticas eram muito comuns principalmente nos momentos em que não havia participação efetiva dos professores nas formas de organização dessas aulas.

Já nas observações das aulas de professores que demonstravam uma postura mais contundente quanto à organização de suas aulas, foi percebido que, nos momentos em que havia maior cobrança para participação efetiva de alunas e alunos, as meninas participavam em número muito maior do que nos momentos em que não havia intervenção. Segundo o autor, esse fato reforça a ideia de que as desigualdades de gênero podem diminuir consideravelmente quando há maior preocupação e intervenção das professoras e professores.





Ao considerar o contexto em que a educação física escolar está inserida, este trabalho apresenta reflexões acerca do processo de planejamento participativo (Correia, 1996) realizado em duas pesquisas de mestrado em educação física de modo a problematizar a forma como as relações de gênero surgem em seus contextos investigativos, bem como a sua relação com o planejamento participativo no tratamento desta problemática.

O Planejamento Participativo (PP), neste trabalho, é definido como um processo democrático de construção coletiva do plano de ensino no qual os(as) estudantes podem contribuir com seus saberes, desejos e necessidades na definição das temáticas a serem trabalhadas durante as aulas de educação física (VENÂNCIO; SANCHES NETO, 2023).

Corsino, Venâncio e Sanches Neto (2020) identificaram que durante o planejamento participativo em uma turma de ensino médio no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, as relações de gênero ganharam centralidade devido a maior participação dos(as) estudantes na construção do plano de ensino, parece que as disputas se dão para além dos espaços da quadra, as relações de poder ora estabelecidas foram evidenciadas já no momento de diálogo com vistas à construção do PP.

Neste sentido, o presente trabalho, considera o PP como um importante e potente momento em que os(às) estudantes possam contribuir com a construção do plano de ensino numa perspectiva em que a justiça social, mais precisamente as relações de gênero desiguais não deixem de ser vistas, questionadas e transformadas neste processo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

A presente pesquisa se define segundo uma abordagem qualitativa, a qual permite considerar suposições de um corte temporal e espacial de determinado fenômeno por parte do(a) pesquisador(a).

Trata-se de uma análise realizada à luz de duas pesquisas em andamento no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), as quais se propõem a discutir o Planejamento Participativo (PP) nas aulas de educação física de duas escolas públicas situadas no estado do Ceará. Apresentamos um recorte das pesquisas a fim de problematizar a importância do PP para o diálogo estabelecido durante as aulas de educação física no que diz respeito às relações de gênero. Neste sentido, definimos esse tipo





de pesquisa como uma investigação ou atividade que integra e combina análise social, trabalho educacional e ação (VELLOSO et al., 2022).

As pesquisas que envolveram a utilização da estratégia do PP foram implementadas em duas escolas do Estado do Ceará, uma escola municipal de ensino fundamental e uma escola estadual de ensino médio. A escola municipal oportuniza ações pedagógicas que envolvem do 4º ao 9º ano do ensino fundamental (nos turnos matutino e vespertino) e, também propicia a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

O espaço no qual uma das pesquisas se realiza, está localizado numa região periférica de Fortaleza e a turma selecionada nessa escola, a turma do 6º ano, que é composta por 36 alunos(a), no qual estudam no turno matutino, cuja faixa etária fica entre 11 e 12 anos de idade. A elaboração do PP ocorreu durante o 1º bimestre, tendo sua implementação e avaliação ocorrida nos demais períodos do ano letivo.

A outra escola na qual a pesquisa se realiza, é uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) localizada no município de Reriutaba, que hoje atende a 503 alunos(as) entre 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. A pesquisa se desenvolveu em uma turma de 1º ano de ensino médio com um média de 30 estudantes.

Localizada no município de Reriutaba, há 276 km de Fortaleza, em geral, a faixa etária dos(as) estudantes é de 14 a 18 anos e em sua maioria pertencente à classe trabalhadora, muitos(as) são da zona rural e acreditam que o Ensino Médio Profissionalizante é uma excelente oportunidade para mudar de vida.

Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

Os dados foram construídos por meio de análise de conteúdo das observações anotadas em dois diários de campo constituído durante as aulas realizadas por dois professores pesquisadores responsáveis pelas pesquisas em suas respectivas escolas durante a implementação do PP nas aulas de Educação Física durante o período letivo do ano de 2023.

O planejamento participativo partiu da necessidade de construção de uma estratégia para tornar as aulas de educação física mais democráticas, de modo a considerar as relações com os saberes discentes no sentido de proporcionar uma participação mais ativa no processo dinâmico de elaboração do plano de ensino, em busca da compreensão do objeto da educação física enquanto componente curricular e como consequência dessa compreensão,





o pensamento de uma educação física mais significativa para esses(as) alunos(as), contribuindo na participação e motivação deles(as) nas aulas, bem como a promoção da justiça social.

Para a análise dos dados, os diários de campo foram relidos e o conteúdo pertinentes à temática deste trabalho foi organizada e colocada em confronto com a literatura sobre PP e relações de gênero na educação física escolar por meio de análise de conteúdo.

RESULTADOS

Uma das duas pesquisas debatidas neste trabalho foi realizada numa escola da rede municipal e a outra em uma escola da rede estadual do Ceará. Enquanto a primeira foi realizada com uma turma de sexto ano de ensino fundamental, a outra foi realizada com uma turma de primeiro ano de ensino médio.

Em nenhuma das turmas os(as) estudantes haviam experimentado o processo do planejamento participativo e desconheciam a sua existência. Eles e elas mostraram-se entusiasmados(as) com o convite referente a sua participação na processo de planejamento.

Na turma do ensino fundamental, no decorrer da construção do planejamento participativo ocorreram alguns conflitos, onde alguns meninos queriam impor as suas ideias, principalmente nos processos de decisão acerca do planejamento, o que potencializou a necessidade de intervenção e mediação. Trata-se de uma importante observação, na medida em que as relações de poder ora evidenciadas nas relações de gênero nas aulas de educação física não ocorrem apenas no âmbito das experiências corporais, mas também nos momentos de diálogo e processos de decisão durante o PP na sala de aula.

Na turma de ensino médio a aplicação do planejamento participativo se deu em diversas etapas desde uma avaliação diagnóstica de onde emergiram várias demandas que culminaram na construção do plano de ensino, a participação dos(as) alunos(as) na construção das aulas até a avaliação de cada bimestre, momento de traçar novos objetivos e rumos que possibilitasse a participação de todos(as).

Nas duas escolas, o ano letivo iniciou com a realização do PP, segundo Venâncio e Sanches Neto (2023, p. 62), "o planejamento participativo é uma forma contundente de democratizar a escolarização e abrir as brechas para que os interesses e os modos e razões do ensinar e aprender sejam cotejados e ressignificados".

Importante ressaltar que ao corroborar com Venâncio e Sanches Neto (2023) nós entendemos que o planejamento participativo pode ser incorporado nas aulas como uma





estratégia de posicionamento político dos(as) alunos(as), permitindo que eles(as) “tomem posse da aula” e decidam juntos(as) no sentido de serem coparticipantes, criando uma corresponsabilidade com o processo de ensino e aprendizado. Esse “tomar posse” é entendido como um espaço de pertencimento dos(as) alunos(as), que deverão “decidir juntos(as)” com o(a) professor(a).

Silva (2020) aponta que o planejamento participativo está em alta dentro do campo educacional como uma proposta para intervir nessa realidade. Para o autor, não basta que o professor decida de forma isolada o que ensinar, pois se percebe uma necessidade dos(as) alunos(as) se tornarem parte do processo de ensino e aprendizagem.

A explicitação das escolhas dos(as) alunos(as) através do planejamento participativo possibilitam dialogar com os documentos curriculares norteadores e com o Projeto Político Pedagógico de cada escola, contribuindo para os planejamentos do componente curricular, associando esses conteúdos aos interesses dos(as) alunos(as). Desta forma, o planejamento participativo é visto como uma estratégia para aumentar o interesse e a participação destes(as) discentes, tornando-os(as) ativos nesse processo e valorizando-os(as) como sujeitos históricos (FLOR et al., 2020).

Ao permitir uma maior participação dos(as) estudantes nos processos de decisão nas aulas de educação física, o planejamento participativo permite que os(as) estudantes tenham mais possibilidades de discutir problemas cotidianos os quais eles(as) estão imersos, as questões de gênero são apresentadas como um destes problemas. Ao discutir as relações de gênero em uma turma de ensino médio no contexto situado do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Corsino, Venâncio e Sanches Neto (2020) identificaram um maior envolvimento dos(as) estudantes nas discussões e atividades trabalhadas, parece que há uma potencialização das possibilidades de reflexão crítica durante as aulas, o que também foi identificado nas pesquisas apresentadas neste trabalho.

DISCUSSÃO: AS RELAÇÕES DE GÊNERO À LUZ DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, O QUE AS PESQUISAS REVELAM?

Perceber os conflitos de gênero durante as aulas de Educação Física pode ser um avanço no sentido de se tornarem visíveis as desigualdades que se impõem cotidianamente no interior da educação física (CORSINO; AUAD, 2012). Essa percepção deveria impelir os professores e as professoras a buscarem soluções, oportunizando a escuta ativa daqueles e





daquelas que tiveram suas vozes silenciadas por hierarquizações presentes nas aulas e nos demais espaços escolares e não-escolares.

Durante os diálogos estabelecidos no planejamento participativo da escola municipal, os alunos do sexto ano explicitaram que queriam vivenciar a temática do futebol, entretanto, excluindo as alunas e, essa situação foi refletida e superada por meio do diálogo e da construção coletiva do processo de ensino e aprendizagem. Nesse caminho, os alunos e as alunas participaram das discussões e das vivências de forma entusiasmada, dedicada, mostrando um grande interesse pelas reflexões e pelas práticas, interagindo com os(as) colegas e vivenciando os conteúdos com ampla fruição.

Ao tematizar o futebol, fruto da escolha realizada no planejamento participativo, ocorreu também a abertura para dialogarmos sobre situações de desigualdades relacionadas à questão de gênero, visto que discutimos sobre o amplo espaço midiático disponibilizado para o futebol masculino e o diminuto espaço destinado ao futebol feminino (GOELLNER, 2021). As diferenças de gênero são reforçadas por nossa sociedade e, apesar das diversas formas de resistência construídas pelas meninas (CORSINO; AUAD, 2016) as aulas de educação física podem contribuir com esse cenário, ao não oportunizar as mesmas possibilidades de participação para meninos e meninas (BALBINO et al., 2021).

A imposição dos meninos, ao excluir as meninas das vivências relacionadas ao futebol, assim como o curto espaço de exposição no futebol feminino são marcas de uma sociedade hierarquizada. Diante disso, nas ações pedagógicas é importante empregar o nosso foco na valorização do processo educativo, de modo a gerar a equidade de oportunidade na aprendizagem e no desenvolvimento por meio dos esportes nas aulas de educação física (BALBINO et al., 2021).

Outra unidade temática selecionada no planejamento participativo foram as lutas e, dentro desse arcabouço de patrimônio cultural, as alunas mostraram-se mais resistentes a realizar as vivências relacionadas a essas temáticas, entretanto, ao refletirmos sobre a contexto do desenvolvimento histórico das lutas, foi feita a leitura de um texto, onde um determinado excerto apresentava os maiores lutadores de boxe da história do Brasil, o trecho listava vários nomes masculinos e nenhum feminino.

O fato descrito acima incomodou algumas meninas, que perguntaram o porquê de não ter mulheres inseridas nessa lista, indo além, elas indagaram se realmente não existiam grandes nomes de mulheres relacionadas ao boxe. Essa situação motivou as alunas a





pesquisarem mais sobre a temática e descobrirem a existência de grandes atletas relacionados ao boxe brasileiro.

Uma outra unidade temática escolhida pelos(as) alunos(as) no planejamento participativo foi a dança, eles(as) escolheram o funk e o forró. Ao iniciar o trabalho pedagógico constatou-se que muitos deles(as) escutavam esses tipos de músicas, mas não dançavam e, outros alunos diziam que nem escutavam, nem gostavam de dançar.

Foram feitas perguntas voltadas para verificar o conhecimento prévio dos(as) alunos(as) a respeito do conteúdo funk: O que vem a sua mente ao ouvir a palavra funk? Qual é a origem do funk? Onde você dança funk? Como resposta, um dos alunos falou que: - "ao ouvir a palavra funk eu lembro logo de safadeza", uma outra aluna disse: "o funk tinha sido criado pela cantora Anitta", haviam ainda os que diziam dançar funk e, faziam isso em casa. Como visto anteriormente existem estereótipos explicitados pelos alunos e alunas que precisam ser refletidos e superados.

Nos dias posteriores comecei a receber reclamações de muitos pais e mães, que diziam que a escola não tinha que ensinar esse tema e, eles(as) não queriam seus filhos(as) dançando aquele tipo de música. Posteriormente conversei com integrantes da gestão da escola e também com alguns pais e mães, no intuito de explicar que o propósito daquelas aulas era a reflexão sobre um assunto que faz parte da cultura do nosso país e, por meio dessas vivências reflexivas iríamos desenvolver a criticidade do(a) aluno(a), criatividade, autonomia, relações interpessoais e empatia.

Essa visão de alguns pais e mães de alunos e alunas da escola é semelhante ao posicionamento encontrado por Bianchetti e Isse (2018, p. 76), ao entrevistar um diretor de uma escola estadual do Rio Grande do Sul, o gestor versa que o funk não é dança a ser ensinada, pois, "pelos suas origens e evolução, o funk não diz respeito à cultura local, sendo visto como um apelo explícito à sensualidade, tão explorada pela mídia e pelos meios de massificação. "Há outros ritmos e danças mais condizentes com a postura e a filosofia da escola". Há um processo de marginalização das manifestações da cultura negra nas aulas de educação física, é preciso que os currículos escolares, bem como a formação docente tenha atenção especial às relações étnico-raciais e o ensino de história afro-brasileira e africana (CÁCERES; AUAD, 2022).

Esses limites encontrados, levaram a um grande desafio ao trabalhar com a temática do funk, contudo, o conteúdo foi desenvolvido. A participação dos(as) alunos(as) nas





vivências foram menores no tocante a esse tema, visto que alguns(mas) falavam que a questão religiosa impedia a participação naquelas práticas ofertadas. Outros ainda tinham vergonha, pois a quadra da escola é um local onde algumas pessoas que não estão participando da aula tem acesso e, querem ficar observando as aulas que estão ocorrendo.

Os diálogos sobre a temática funk foram uma grande oportunidade para os(as) alunos(as) explorarem suas capacidades de lerem certas particularidades da manifestação corporal escolhida, além de possibilitar a troca de ideias, de opiniões divergentes ou convergentes (FARIAS, 2019). Os alunos e alunas puderam refletir e aprender que o funk tem uma origem, e essa origem tem relação com a luta contra problemas inseridos na nossa sociedade, como por exemplo a questão do preconceito. Eles e elas também entenderam que cada pessoa tem a sua forma de se movimentar, seu ritmo e, essas diferenças devem ser respeitadas.

Na turma do ensino médio, iniciamos os estudos do bimestre refletindo sobre o futsal que é o esporte mais praticado nas escolas do Brasil. Segundo Cunha (2014), o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística “IBGE”, em 1985, estimou que existiam aproximadamente 10 milhões de praticantes de futsal no país, entre profissionais e amadores. O autor ainda afirma que o esporte está entre os mais praticados no Brasil nas aulas de Educação Física escolar.

No entanto, ao abordar o futsal, corroboramos com Corsino e Auad (2012), os quais ressaltam que a falta de diversidade de conteúdos e manifestações de cultura corporal de movimento também pode potencializar as hierarquizações de gênero nas aulas, pois há manifestações que são historicamente percebidas como masculinas. Sendo assim, a ausência de outras possibilidades acaba por privilegiar a participação dos meninos e incorre na desistência de participação de muitas meninas.

Debatemos sobre as causas dessa implicação e, nesse debate, os(as) alunos(as) citaram que essa modalidade é associada com o futebol no qual é a paixão nacional. Além disso, as escolas geralmente têm acesso a uma quadra poliesportiva e quase nunca a um campo de futebol, facilitando assim a prática dessa modalidade. Após as respostas, perguntei se eles(as) achavam que o futsal realmente era o esporte favorito entre eles(as) nas escolas. Diante disso, os(as) alunos(as) responderam que “sim”. “Logo após perguntei: e nessa escola?” Novamente responderam de forma positiva. Pedi então que levantasse a mão quem gostava de futsal e para a surpresa de todos(as) a minoria levantou as mãos e os(as) que levantaram





eram maioria do gênero masculino, é como se a escolha de poucos meninos fosse suficiente para definir a totalidade.

Outrossim, perguntei por que isso ocorreu e tive respostas de que os meninos geralmente tomam conta dos espaços de prática, enquanto as meninas preferem se excluir dessas práticas porque, segundo elas, "*os meninos além de ser maioria, meninas não gostam da prática*". Primeiro, perguntei-lhes se os meninos realmente eram maioria, e ao observar a própria sala de aula percebemos que não. Ainda comentamos se realmente as meninas não gostavam das práticas, ou se elas simplesmente não tinham oportunidade de participação. Nessa reflexão, percebemos que a maioria das meninas tiveram experiências ruins em aulas de educação física em escolas anteriores, pois, segundo eles, a prática predominante era sempre futsal para os meninos e carimba para as meninas. Ademais, as meninas relataram não ter estímulos em casa para prática ou apreciação do futebol.

Ainda nessa aula, debatemos sobre a importância de as meninas ocuparem espaços que são delas de direito, que quando elas escolhem não resistir à exclusão de algumas práticas, espaços ou atividades que deveriam ser de todos(as), elas deixam de lutar por um direito. Lembrei a elas que, desde o início do ano, tinha um dia no horário do almoço na quadra que era destinado só para elas, mas que os meninos tomavam de conta até desse dia, já que não apareciam meninas para usar o espaço e as que desejavam tomar posse dos seus espaços ficavam com vergonha, pois estavam em número menor.

Essa divisão entre o feminino e o masculino corresponde à criação e manutenção de assimetrias de gênero, diferenças que são hierarquizadas e se transformam em desigualdades. Nessa perspectiva, as diferenças de habilidade motora entre meninas e meninos, meninas e meninos, meninos e meninos poderiam ser apenas diferenças sem necessariamente serem hierarquizadas a partir do sexo dos sujeitos e das construções de gênero com as quais os sexos masculino e feminino são interpretados. Contudo, o que ocorre nos processos desiguais é a atribuição de valores hierarquizados para as diferenças atribuídas ao masculino e ao feminino, de modo a reforçar e recriar as desigualdades entre meninas, meninos, homens e mulheres (CORSINO; AUAD, 2017, p. 20).

Numa das aulas, tínhamos como objetivo vivenciar o jogo de futsal em duplas, de forma que os(as) alunos(as) fossem capazes de trabalhar de forma cooperativa com a sua dupla e com a sua equipe. Iniciamos a aula com um aquecimento, falei para eles(as) que essa atividade teria a ver com a vivência da aula de hoje, falei-lhes também que nessa aula iríamos jogar o futsal.





Expliquei que cada dupla seria um só jogador. Nesse jogo, deveriam se adaptar uns aos(as) outros(as) para participar, no mais as regras eram idênticas as do esporte futsal convencional, mas se em algum momento, a dupla soltasse as mãos seria marcado lateral para a equipe adversária. Feito isso, iniciamos assim o jogo, foram duas equipes por vez, em um tempo de 5 minutos para cada jogo. Esse tempo foi administrado até o final da aula de modo que todos(as) pudessem jogar pelo menos duas vezes.

Na aula seguinte, refletimos sobre a participação deles(as) na vivência do futsal em duplas, se eles(as) acharam que todos(as) realmente teriam participado de forma efetiva, se eles(as) deram oportunidade de todos(as) participarem e sobre o que acharam da prática. Nessa reflexão, alguns alunos(as) falaram que sim, nos quais todos(as) conseguiram participar de maneira efetiva, porém algumas meninas logo se manifestaram afirmando não considerar que elas conseguiram vivenciar bem a aula.

Diante disso, perguntei o porquê da afirmação e elas responderam que os meninos não tocavam a bola para elas e nem as deixavam desenvolver um jogo, então, perguntei-lhes os motivos pelos quais isso ocorreu. As meninas logo falaram que os meninos não confiavam em suas habilidades e achavam que elas perderiam a bola, já os meninos comentaram que até procuravam elas durante o jogo, mas que elas não sabiam se posicionar, que elas se escondiam atrás da marcação impossibilitando o passe. Além disso, outro aluno falou que não passou a bola, pois somente ele estava no ataque e tinha que marcar o gol. Sobre a afirmação dos meninos, comentei que nem todos(as) têm uma vivência de jogo, portanto, não era culpa deles(as) saber se posicionar em quadra. Após essa fala, algumas meninas afirmaram sentir falta de um auxílio e maior paciência por parte dos meninos, haja vista que eles deveriam se comunicar com elas e instruí-las de modo a inclui-las no jogo.

Outrossim, algumas meninas afirmaram sentir insegurança em jogar essa modalidade junto aos meninos, que estavam com medo de levar uma bolada, tomar um esbarrão ou até levar uma pancada. Após o debate, falamos que é necessário que façamos um exercício de auto avaliação em busca de melhorar o respeito nas aulas, que se cada um fizer a sua parte e compreender o lado do(a) outro(a) conseguiremos de forma mais justa incluir a todos no esporte e que continuaremos em busca de soluções para que todos(as) possam vivenciar e se sentir incluídos(as) nas aulas sobre esse esporte.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização do plano de ensino em conjunto com os(as) estudantes, em ambas as turmas tivemos variados momentos em que se sobressaíram as tentativas por parte de determinados grupos de meninos de excluir ou dominar os espaços em relação à participação das meninas nas aulas de educação física. Esses momentos foram oportunos para a realização de diversos debates sobre gênero e equidade, em busca da construção de estratégias para o reconhecimento das diferenças.

Diante disso, é importante ressaltar sobre a relevância de refletir e debater sobre os desafios encontrados nas aulas. Ademais, nem sempre conseguimos identificar e combater questões sobre gênero, por serem culturalmente enraizadas. Logo, somente por meio da reflexão, debate e ações pedagógicas coeducativas, podemos caminhar rumo a uma educação sem preconceitos, antirracista e interseccional em que todos(as) possam se sentir incluídos(as) e confortáveis no ambiente escolar.

Ambas as pesquisas demonstraram que o PP é um instrumento potente para provocar a discussão sobre as relações de gênero, pois ao suscitar a participação ativa dos(as) estudantes no processo de planejamento das aulas, evidencia as relações de poder ora estabelecidas devido aos arranjos de gênero historicamente constituídos em nossa sociedade e, de modo enfático, revelam conflitos que estão silenciados e se manifestam de modo mais intenso nas aulas em que as vivências das manifestações da cultura corporal acabam por exigir ações em que as diferenças sejam potencializadas.

Sem a pretensão de esgotar o debate, percebemos que o desenvolvimento do planejamento participativo foi importante para que os(as) estudantes pudessem contribuir com os processos de decisão e escolha das temáticas e atividades desenvolvidas durante as aulas e, do mesmo modo, levantar questões relacionadas às diversas formas de hierarquização de gênero que surgiam durante as aulas. Sendo assim, foi possível compreender que o planejamento participativo pode ser uma ferramenta útil de busca por uma educação física que tenha como premissa a justiça social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na educação física**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 1998.





_____. **Educação física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo, Cortez, 2015.

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares**: da escola mista ao ideal de co-educação. 2004. 232f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na educação física escolar. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2018.

BALBINO, Marcela Albertini; CARDOSO, Priscila Carla; FONSECA, Débora Cristina. Violências de gênero, sexualidade e educação física escolar: como essa questão social vem sendo tratada no contexto escolar. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 35, n. esp., p. 63-70, 2021.

BIANCHETTI, Monique; ISSE, Silvane Fensterseifer. Funk na escola: corpo, cultura e movimento juvenil em pauta. **Kinesis**, v. 36, n. 3, p. 75-90, 2018.

CÁCERES, Isabela Muniz dos Santos; AUAD, Daniela. Dança do passinho na educação física escolar: visibilidades na cena curricular paulista. **Cenas educacionais**, v. 5, p. 1-23, 2022.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. "Eu gosto de futebol, mas os meninos não me deixam jogar!": a educação física como campo de intervenção em conflitos e resistências na escola. In: SANCHES NETO, Luiz e colaboradores (Orgs.). **Educação física escolar e perspectivas de intervenção**. São Paulo: CRV, 2016.

_____. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 24, n. 45, p. 57-75, 2014. DOI: 10.18675/1981-8106.vol24.n45.p57-75.

CORSINO, Luciano Nascimento; VENANCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. Juventud y género en la educación física escolar: reflexiones de los registros en un contexto de enseñanza y aprendizaje. **Quaestio**, v. 22, n. 3, p. 741-755, 2020.

CORREIA, Walter Roberto. Planejamento participativo e o ensino de educação física no 2º grau. **Revista paulista de educação física**, n. supl.2, p. 43-48, 1996.

CUNHA, Douglas Silveira. **A importância do futsal nas aulas de Educação Física escolar**. 2014. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF: 2014.

FAERMANN, Lindimar Alves. A pesquisa participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista ciências humanas**, v. 1, n. 7, p. 41-56, 2014.





FARIAS, Uirá de Siqueira e colaboradores. Educação física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, p. 1-24, 2019.

FLOR, Breno Mascarenhas Sá de e colaboradores. Planejamento participativo como instrumento político e pedagógico em aulas de educação física no programa de residência pedagógica. **Revista brasileira de educação física escolar**, v. 6, n. 2, p. 123-137, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p. 1-14, 2021.

GRUGEON, Elisabeth. Implicaciones del género en la cultura del patio de recreo. In: WOODS, Peter; HAMMERLEY, Martyn (Eds.) **Gênero, cultura y etnia en la escuela**: informes etnográficos. Barcelona, Espanha: Ministério de Educación y Ciencia, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Peterson Amaro da. **Planejamento participativo nas aulas de educação física escolar**: significados existentes nessa proposta. 2020. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

THORNE, Barrie. **Gender play**: girls and boys in school. New Jersey, USA: Rutgers University Press, 1993.

VELLOSO, Lívia Roberta da Silva e colaboradores. Pesquisa participante na educação física escolar: o estado da arte. **Movimento**, v. 28, p. 1-20, 2022.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. Avaliação e planejamento participativo na dinâmica curricular da Educação Física escolar. **Ambiente: Gestão e desenvolvimento**, v. 16, n. 2, p. 45-69, 2023.

Dados do primeiro autor:

Email: luis_lf@yahoo.com.br

Endereço: Instituto de Educação Física e Esportes, Avenida Mister Hull, s/n, Parque Esportivo, Bloco 320, Campus do Pici, Fortaleza, CE, CEP: 60455-760, Brasil.

Recebido em: 29/02/2024

Aprovado em: 09/04/2024

Como citar este artigo:

GOMES, Luis Fernando Muniz e colaboradores. "Eu achei a aula de educação física mais proveitosa, porque da outra vez eu não participei": relações de gênero no planejamento participativo em duas escolas públicas no Ceará. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17245, p. 1-15, 2023.

